

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

SER-NO-MUNDO APÓS A CEGUEIRA ADQUIRIDA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

Catiéle Satie Shimokawa; Fernanda Déo da Silva Mazzer e Gésica Aparecida Giopato (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Lucia Cecília da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato:

catisatie@hotmail.com

fernanda_mazzer@hotmail.com

gesica_tininha@hotmail.com

Palavras-chave: Cegueira adquirida. Fenomenologia. Ser-no-mundo.

A cegueira pode ser definida sob diversas perspectivas. Do ponto de vista médico-científico, a deficiência visual é caracterizada com base em dois parâmetros de análise: a acuidade visual, que é a capacidade de distinguir detalhes de objetos localizados a determinada distância, e o campo visual, que envolve o alcance da área visual circundante. Desse modo, é considerado cego, o sujeito que apresenta, no melhor olho, após correção óptica ou cirúrgica, de zero a um décimo de visão e/ou quando este tem um campo visual inferior a 20 graus (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Deve-se ressaltar, com isso, que há vários tipos de deficiência visual, de modo que todas elas possuem como ponto comum o comprometimento funcional do sistema óptico, considerando que esse abrange desde o órgão da visão (o olho) até as estruturas cerebrais, diferenciando-se quanto às limitações e formas de aquisição da cegueira (BICALHO, 2010).

A deficiência visual pode, ainda, ser distinguida entre total e parcial. É considerada total aquela em que há perda completa da visão, ou seja, a visão é nula e não há sequer percepção luminosa; já a parcial, engloba desde os indivíduos que conseguem enxergar a curta distância até aqueles que percebem vultos e diferentes níveis de luminosidade.

Quanto ao dano que causa a cegueira, este pode ocorrer durante a vida intra-uterina, sendo a cegueira caracterizada como congênita, ou acontecer no decorrer de sua vida, o que define a cegueira adquirida. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), dentre as principais causas que levam à cegueira crônica pode-se citar: a catarata, o glaucoma, a degeneração macular relacionada com a idade, a opacidade da córnea, a retinopatia diabética, o tracoma e as doenças oculares infantis, como as causadas pela carência de vitamina A.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Outro ponto a ser considerado é o fato da cegueira ser, também, um constructo histórico, relacionado ao contexto no qual o indivíduo está inserido, ao meio e a cultura, que enraizado na sociedade, influencia o nosso modo de compreendê-la. Ao longo da história, entretanto, pode-se observar que foram construídas identidades para a pessoa cega pautadas, principalmente, em duas vertentes: uma que considera o cego como inferior, imerso em um mundo sombrio e triste e a outra, que o vê como um indivíduo superior, dotado de capacidades que vão além das encontradas nas pessoas sem deficiência (BICALHO, 2010).

Identifica-se que desde a mitologia o tema da cegueira é recorrente e controverso, como pode ser constatado através do mito de Tirésias, personagem que ficou cego como castigo por ter contrariado o pensamento da deusa Hera, esposa de Zeus e, conseqüentemente, recebeu também como compensação o dom de prever o futuro, tornando-se um oráculo. É interessante notar que neste mito, a cegueira aparece concomitantemente como uma forma de punição e como fator desencadeante de uma característica compensadora (NOBRE, 2007).

Já nas sociedades primitivas, pessoas deficientes ou enfermas eram mortas ou abandonadas. Os cegos eram vistos como possuidores de espíritos malignos e a cegueira, entendida como um castigo imposto pelos deuses em decorrência do pecado. Já na Antiguidade, os deficientes, assim como todos aqueles que não se enquadravam aos padrões, que não correspondiam às exigências do meio eram tratados “ou com tolerância e apoio, ou com menosprezo e eliminação” (FRANCO & DIAS, 2005, p. 17). Com o advento do Cristianismo, na Idade Média, junto a noção de cegueira como castigo, surge o sentimento de compaixão para com os cegos, baseado na premissa de que todos os homens são irmãos e iguais diante de Deus. Foi neste período que os deficientes visuais foram, de certa forma, isolados do convívio social com a justificativa de que necessitavam de um cuidado especial e de proteção (NOBRE, 2007).

Mesmo que no final do século XX, tenha se iniciado um processo de integração do deficiente na sociedade, dado os preceitos difundidos através da ideia de “inclusão social”, os resquícios desse processo histórico perduram até hoje e o distanciamento ainda ocorre, tanto que Nobre (2007) afirma que:

Assim como outras categorias, as pessoas cegas são estigmatizadas, marcadas pejorativamente como incapazes e inferiores, dependentes e não produtivos, portanto, inaptos a progredir, a alcançar qualquer sucesso na vida. Esse estigma funciona como justificativa para a sua não inserção no meio social, influenciando as relações pessoais desses indivíduos, não só sua relação com os outros, mas também sua relação consigo mesmo. (NOBRE, 2007, p. 20)

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Bicalho (2010) aponta que na sociedade contemporânea há uma supremacia do olhar. O sentido visual está no topo da hierarquia em detrimento dos demais sentidos. A autora ainda fala sobre a “hiper-cognização” do olhar, em uma sociedade em que a imagem e as aparências são cada vez mais valorizadas. Diante disso, mantêm-se o sentimento de compaixão para com aquele que não vê, baseado no desconhecimento da condição do indivíduo e na suposição de que este é um ser deficiente no sentido literal da palavra, à quem falta algo além de um dos sentidos humanos. Em última instância, isso se torna um modo de exclusão daquele que não se encaixa nos padrões estabelecidos socialmente.

Diante do exposto, vale ressaltar que a pessoa cega tem sido objeto de estudos sistemáticos, porém como possuidora de necessidades especiais ou na sua condição de minoria a ser incluída (BICALHO, 2010). Destaca-se, então, a colocação de Elisabeth Dias de Sá (2002), segundo a qual

(...) as abordagens e representações em torno da perda da visão e das pessoas cegas, geralmente, concentram-se em limitações, dificuldades, restrições, impedimentos ou incapacidades. Dificilmente, o potencial positivo, representado por habilidades, estratégias e diferentes esquemas da experiência não visual são compreendidos ou devidamente valorizados. O que é imediatamente visível é a imagem congelada da pessoa cega, desprovida de individualidade, desejos e aspirações. A maioria das pessoas interage com esse protótipo perfilado a partir de uma teia de construtos e noções errôneas culturalmente introjetados. (SÁ, 2002, p. 01)

Com esta pesquisa pretende-se compreender como se dá a existência no mundo diante da facticidade, do inesperado de ser cego, especificamente, de ser cego após ter sido vidente. Para tanto utiliza-se como fundamentação a teoria do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que procurou compreender a existência do homem no mundo com base no comportamento corporal e na percepção.

Baseando-se nessa teoria, pode-se colocar que ao adquirir a deficiência visual, a percepção é modificada e o indivíduo precisa, então, redimensionar o seu estar-no-mundo e a relação com o seu corpo, que devido à ausência do sentido da visão, passa a ser experienciado de outra forma. Andrade (2008) destaca que aceitar a facticidade do ser-no-mundo com deficiência visual, compreendendo e adaptando-se as suas limitações e dificuldades, promoverá a aceitação da conformação atual de seu corpo e a retomada do seu projeto de vida, afinal “a deficiência pode modificar o existir, mas não interrompê-lo” (2008, p. 22).

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Toma-se, assim, como premissa, que a deficiência visual interfere em como a pessoa percebe o mundo e o vivencia, de modo que ser-no-mundo com deficiência visual envolve experienciar o mundo diferentemente daqueles que têm uma visão normal. No caso do indivíduo que nasce cego, o planejamento de seu projeto existencial está, de certa forma, ajustado a sua condição de não ver. Diferente desse, aquele que tem que lidar com o fato de ter adquirido a cegueira no decorrer de sua vida, passa por um processo de transformação que engloba aspectos biopsicossociais. Tomando como base o dado estatístico de que apenas 15% das pessoas com deficiência visual nasceram cegas, observa-se que grande parte dos indivíduos adquiriu a cegueira ao longo da vida. Diferente do que se imagina, essa não é uma camada estável da população, posto que no decorrer da vida, qualquer pessoa está suscetível a tornar-se cega (BICALHO, 2010); percebe-se, então, a importância de uma discussão, ainda que parcial, a respeito deste assunto.

Evidencia-se, assim, o objetivo geral de compreender como se dá o ser-no-mundo após a cegueira adquirida, tendo em vista que com a perda de um dos sentidos, altera-se a percepção que se tem do mundo e, a partir disso, faz-se necessário um replanejamento do projeto existencial da nova condição de vivência.

Para tanto, planejou-se uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, com enfoque fenomenológico, pois os dados a serem trabalhados serão as vivências dos sujeitos conforme eles as percebem. Para a coleta de dados, foram realizadas até o momento quatro entrevistas semi-estruturadas, com pessoas que apresentam quadros de deficiência visual adquirida, participantes da Associação dos Mestres, Alunos e Amigos dos Deficientes Visuais (AMADEVI), localizada na cidade de Maringá (PR). Como os dados ainda não estão saturados, haverá necessidade de mais entrevistas ou de nova abordagem aos já entrevistados. As entrevistas realizadas foram transcritas, mas ainda não analisadas. Mesmo assim, torna-se possível identificar de forma preliminar a presença de alguns núcleos temáticos como: reações e sentimentos decorrentes da perda da visão, a relação da família diante da deficiência, dificuldades encontradas e aspectos positivos ao tornar-se cego.

Referências

ANDRADE, N. H. S. **A percepção visual de pacientes com retinopatia diabética segundo o referencial de Merleau-Ponty**. 2008. 106 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

BICALHO, A. A. O. **Narciso sem espelho**. 2010. 153 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro: IBCENTRO, n. 30, p. 17-25, abr. 2005.

FREIRE, I. M. A experiência com a cegueira. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro: IBCENTRO, n. 31, p. 3-8, ago. 2005.

MASINI, E. F. S. A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais. **Psicologia em Estudo**, Maringá: Ed, v. 8, n. 1, p. 39-43, jan/jun. 2003.

NOBRE, L. A. Personagens cegas na literatura brasileira: estereótipo e símbolo. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro: IBCENTRO, n. 38, p. 18-27, dez. 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Temas da saúde: cegueira. Disponível em <<<http://www.who.int/topics/blindness/es/>>>. Acesso em: 8 de setembro de 2011.

SÁ, E. D. A bengala e a mulher invisível. In: MASINI, E. F. S. **Do sentido... pelos sentidos... para o sentido**: sentidos das pessoas com deficiências visuais. São Paulo: Vetor, 2002. Disponível em << <http://www.bancodeescola.com/mulher.htm>>> Acesso em: 5 de novembro de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento as necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília, 2006. 208p.